

LEITURA DA INTERTEXTUALIDADE OU DO OBJETO NOVO-LIVRO
INFANTIL E JUVENIL DE LITERATURA,
TEXTO COMO ORGANIZAÇÃO DE LINGUAGENS

M. Lúcia Pimentel de Sampaio Gões*

Para proceder-se à leitura da intertextualidade desse Objeto Novo que é o livro de Literatura Infantil e Juvenil proponho um procedimento que pode ser assim sintetizado:

INTEGRANDO SENSações E ASSOCIANDO PERCEPções ---
PRODUZINDO SIGNIFICAÇÃO.

Objeto Novo, pois refiro-me a livros que apresentam uma Concentração de Textos/ Linguagens de natureza vária e complexa.

Carlos Reis (cf. bibliog.) no Dicionário de Teoria da Narrativa explicita:

"O conceito de leitura pode ser encarado sob diversas perspectivas teóricas e abordado sob diferentes prismas metodológicos, da sociologia da leitura à teoria da comunicação, passando pela psicolinguística, pela teoria do texto e pela estética da recepção."

Trataremos da leitura aqui, em termos genéricos (sem prejuízo da pluralidade acima referida) entendendo o conceito de leitura, neste momento, como: "operação pela qual se faz surgir sentidos no texto, tendo o leitor como co-produtor ou co-autor do texto por ser ele quem concretiza e se apossa desses sentidos."

Citando Cohen (cf. bibliog.):

"Fatores de ordem semionarrativa que condicio-

* Profª Drª em Letras - USP. Profª de Literatura Infantil da Faculdade de Letras - USP. Escritora.

nam o texto narrativo (narratividade), mas também às circunstâncias psicológicas e socio-culturais que usualmente envolvem a leitura da ficção narrativa. [...] Consuma-se a conexão "dos textos literários com os atos humanos básicos, com as fontes da linguagem e da nossa humanidade."

Lucrécia D'Aléssio Ferrara (cf. bibliog.) refletindo sobre a leitura do não-verbal escreve:

"Integrar sensações e associar percepções dizem respeito àquele complexo ato de recepção de que falamos. Sensações e associações despertam a memória das nossas experiências sensíveis e culturais, individuais e coletivas de modo que toda a nossa vivência passada e conservada na memória seja acionada."

Completando, a recepção supõe o repertório do receptor e sua atuação reflexiva sobre o referido Objeto Novo. Resulta em Metalinguagem ou Leitura Metalingüística. Muitos dos sentidos do texto dependem para sua revelação/desvelamento da produção de sua leitura.

Novamente citando Lucrécia D'Aléssio Ferrara em *Leitura sem Palavras* onde ensina que leitura é tentativa de organização entre convergências e divergências.

"O texto é linguagem-objeto sobre o qual se debruça a leitura metalingüística. [...] A leitura é uma tentativa de organização entre convergências e divergências; ler é operar com o heterogêneo e organizar, é saber distinguir, por comparação, o igual e o diferente."

Há alguns anos vimos tentando ler esse Objeto Novo de LIJ em nossos encontros com professores propondo uma produção de sentidos que surgisse de um Olhar de Descoberta, que captasse o que está no livro e não o que nele queríamos ver. A leitura conjunta, propondo que o professor lesse movido pela prontidão de seus sentidos, pelo avivamento de suas experiências vividas, pela integração de seu passado leitura-vida + leitura textos lidos, tem sido bastante rica e criativa. Foi sumamente gratificante encontrar esse procedimento quase que descrito em totalidade na referida obra da Professora Ferrara quanto à leitura do não-verbal. Em nosso caso, o verbal não fica ausente, mas une-se à concentração de linguagens

presente no Livro Objeto Novo de Literatura Infantil e Juvenil, somado a linguagens grafotipográficas e outras. Assim prossigo a descrição desta proposta de leitura com as palavras de Lucrécia Ferrara:

"De outro lado, é importante notar que a leitura não-verbal é dominada pelo movimento porque, para concentrar o que se apresenta disperso, é necessário operar com rapidez para não perder informação e para acompanhar o ritmo acelerado da associação de idéias à medida que a atenção se desloca no espaço e sobre ele."

Destacamos: ritmo acelerado de associações de idéias, atividade dominada pelo movimento. Leitura momentânea, o que não impede que suas descobertas sejam criativas, válidas e produtivas.

Portanto, o estímulo dessa capacidade associativa por similaridade é um processo mais complexo do que a associação por contiguidade (que como afirma Ferrara condiciona todo o sistema cultural ocidental).

Inter-ação não mecânica/ não padronizada com o objeto.

Olhar de Descoberta. Refletir sobre o objeto livro, na Literatura Infantil Tradicional, ligada à pedagogia, tinha como pressuposto a criança/jovem leitor passivo. A história infantil era vista como um processo de levar através dela informações morais.

Hoje, o livro infantil sabe-se arte, literatura e está passando por modificações introduzidas por outras tecnologias da linguagem dos quadrinhos à dos meios eletrônicos, além de outros.

O texto, objeto real, com linguagem verbal, visual, grafotipográficas, extrapola o Invólucro Físico Tradicional. Temos brinquedos-livro, jogos-livro, livros-de-pano e outros materiais. Esse OBJETO NOVO toca nos sentidos do equipamento humano: olhos, ouvidos, tato, paladar via palavra, via imagem, via texto, via textura, via jogo.

Como devemos ler hoje? O modo tradicional de ler centrava-se no adulto, pai-mãe-avós-professores. Hoje o leitor é um sujeito ativo, co-produtor dos sentidos do texto.

Ora, os sentidos da leitura percorrem por sua vez uma história. É o chamado contexto sócio-econômico-religioso-artístico, etc.

Os textos vivem em INTERTEXTUALIDADE. A professora, leitores, a sala, o cruzeiro, o conflito do petróleo árabe são

elementos-textos que vou cruzar, intertextualizar... um sobre o outro, formando uma tessitura, um tecido. Como leitor devo estabelecer uma hierarquia, mas esta sem preconceitos para poder ler a intertextualidade, o texto como organização de linguagens.

Se vou com um condicionamento, uma identificação irei ler sem a intertextualidade. A leitura de identificação é a leitura de semelhança ou desvio desse texto. Leitura parafrástica ou paráfrase em relação direta com a lógica da palavra. Aquela que leva o aluno pensar que é um mero repetidor do que o autor falou. Então compreende o mínimo desse texto. Temos que ler o texto como um sistema de intertextos. Esta é a leitura de qualidade que resulta de um leitor-sujeito movido por sua sensibilidade. A leitura centrada na autoridade do adulto, não tinha olhar de descoberta, não acionava a memória, via apenas o que queriam que fosse visto, não o que existe.

O professor precisa colocar a criança ativa, participante, comunicativa.

IMAGINAÇÃO = IMAGEM + AÇÃO

Imaginação que estabelece com a realidade um diálogo constante. Ação de imaginar que alimenta minha imaginação criadora. Imaginar que re-conhece (conhece de novo).

O leitor, interlocutor do diálogo, operador de linguagens, espaço de leitura deflagrador de palavras-ações. O pintor Matisse observou que "é preciso olhar a vida inteira com o olhar de criança." Esse é um olhar de ato criador e não de identificação. Olhar que é espaço de acontecimento, distante do hábito, da monotonia, do automatizado. Uso novo de uma inteligência que percebe e re-elabora.

Olhar que deve aproximar-se da apreensão de mundo semelhante à do oriental, que tem por princípio uma estrutura simultânea. Assim pode-se chegar a apreensão de múltiplos processos simultâneos de linguagem. A sinestesia (cruzamento de sensações) permeia esse olhar enriquecendo a sensibilidade.

Se na Leitura Verbal segue-se o encadeamento lógico da estrutura frásica, a Leitura do Não-Verbal no dizer preciso de Lucrécia D'Aléssio Ferrara (cf. bibliog.) exige "na visão/leitura, uma espécie de olhar tátil, multissensível, sinestésico". Esta leitura não é sistematizada, não obedece ordenamento preestabelecido.

A Leitura do Objeto Novo Livro abrange e unifica os dois tipos de leitura. Mais do que proceder por dedução e indução, entramos no processo de abdução que sugere a possibilidade de algo.

Para o Re-conhecimento desse Objeto Novo, temos que

partir do já conhecido, por assim dizer "do velho", estendê-lo ao novo, e percebê-lo após essa reelaboração e assimilação. Para esse processo pode-se recorrer à Dominante, na prosoposta de Roman Jakobson, no seu artigo A Dominante, quando aponta para o fato de que o texto é organizado a partir de uma responsável por sua coesão estrutural. Certamente, esta denominação foi emprestada da música pois, em linguagem musical, Dominante é o Vº grau na ordem da sucessão dos sons na escala diatônica, presente no acorde perfeito maior. Assim transposta para a narrativa literária, a Dominante influenciaria o ordenamento dos demais elementos estruturais do texto, condicionando-os. Da escolha ou eleição de um dos elementos como Dominante dependeria toda a decodificação desse texto. Pode ser eleito qualquer traço inicial:

- som/luz/cor/textura/volumes/superposição de técnicas: colagens, montagens etc.
- espaço, recorte, diagramação
- marcas tipográficas
- qualquer elemento da linguagem verbal, exemplo um dos elementos da gramática da narrativa (a personagem, etc.).

Portanto, qualquer elemento que se constitua em eixo dominante que repercuta nos demais. A escolha desse Elemento Construtor, como gostamos de qualificá-lo, permitirá estranhar nosso percurso, agudizando a capacidade de observação, comparação, descoberta e conclusões provisórias ou não. A estratégia por excelência é a Analogia.

Importante é levantar as contextualizações: levantamento de dados extra-artísticos (história/contribuições culturais, sociais, etc). Trabalhar com as técnicas intrínsecas e extrínsecas: as específicas dos códigos que compõem a textura e as explicativas ou interiores em relação às primeiras.

Assim, por exemplo na leitura do livro Ida e Volta, de Juarez Machado, a dominante seria o Índice. Este elemento está presente de forma intensa na capa e prossegue por todo o livro: basta citar as pegadas que conduzem o olhar do leitor. Em Tapete Verde, de Isabel Cristina a dominante seria a analogia por formas e cores, em Outra Vez de Ângela Lago, a estrutura em cadeia, ou caixa - de surpresas, ou labiríntica das fontes orientais da narrativa, tipo Calila e Dimna ou As Mil e Uma Noites.

Portanto o objeto lido é que se oferecerá ao nosso olhar propondo caminhos. Para percorrê-los precisamos ter o próprio equipamento humano (nossos sentidos) alerta, desperto: olho, ouvido, nariz, boca + pele, somados ao intelecto.

Partimos para o percurso operacionalizando e concretizando o conceito de Leitura em que estendemos nossa leitura vida - textos, mais leitura -lida-textos sobre o Objeto Novo,

- as regras dadas pelas gramáticas tradicionais têm o grave defeito de serem desordenadas. Conseqüentemente, não dão aos professores nenhum dado com relação à progressão a seguir no curso, e aos alunos, nenhuma informação sobre o modo de aplicá-las;

- os manuais tradicionais adotam uma representação essencialmente analítica que pode, eventualmente, servir de subsídio para o aluno assimilar a estrutura de uma frase já construída, porém que lhe é quase inútil para elaborar, construir outras frases. É válido ressaltar-se que o aluno precisa de regras exatas para poder construir novas orações.

No que tange a metodologia, os manuais tradicionais, bem como os demais que serão analisados, estão relacionados a uma certa concepção da aquisição de uma segunda língua. Os cursos e manuais fundamentam-se na hipótese de que possuímos uma língua no momento em que sabemos suas formas e regras. (cf. ROULET, 1978 p. 12).

Em conclusão, os manuais tradicionais não fornecem ao professor uma descrição satisfatória da língua que ele ensina, nem ao educando, uma descrição suficiente da língua que deve aprender. Desse modo, era natural que os pedagogos se voltassem aos lingüistas, psicólogos e psicolingüistas, que, aproximadamente há meio século, influenciados pelos estudos de Saussure e de Bloomfield, têm elaborado novos modelos de aprendizagem de uma língua: teoria behaviorista de Skinner e teoria cognitiva de Chomsky, em especial.

2- A GRAMÁTICA ESTRUTURAL

2.1- Origem e Características:

O Estruturalismo ou Gramática Estrutural tem origem, principalmente, a partir das idéias de Ferdinand de Saussure na obra "Curso de Lingüística Geral (1916) e das obras de Trubetzkoy, Jakobson e outros da Escola de Praga (européia).

Martim Joos (STAUB, 1981, p.12) coloca o ano de 1925 como sendo o início do Estruturalismo americano. A obra "Language", de Bloomfield é que o sedimenta em definitivo.

Para os estruturalistas, a língua é um veículo de comunicação; eles não têm interesse, entretanto, em examinar o modo como a comunicação acontece, nem em registrá-la em ação. Na visão desses estudiosos, a língua é um conjunto de elementos, é formada por estruturas, e é por isso que, mais especialmente Bloomfield, analisa a língua como um conjunto de hábitos, normas e respostas externas e descreve seu processo de aquisição como sendo de imitação.

O signo é a coisa de que fala; não há mais vínculo indireto entre eles (tal qual na construção simbólica), de maneira que ao invés de representar, ele, agora, apresenta diretamente o próprio objeto de representação. Aqui e agora concretamente à nossa frente.

Não há descrição mais fiel do modo como opera o pensamento infantil; o mais distante possível de hábitos associativos convencionais, geral, imotivados e o mais próximo possível de um pensamento concreto, inclusivo motivado, em que a nomeação é análoga à coisa nomeada.

Ser integralmente. Sem separação alguma entre o pensamento e o objeto de pensar. Atenção à qualidade, mesma, daquilo que se observa. Como a criança ao ver uma pedrinha. Toda ela, ali, sendo pedra com a pedra. No coração da realidade. Sem a medida de camadas e camadas de idéias, conceitos e interpretações. [...]

A criança, sob esse ponto de vista, não é nem um ser dependente, nem um "adulto em miniatura", mas é o que é, na especificidade de sua linguagem que privilegia o lado espontâneo, intuitivo, analógico e concreto da natureza humana." (ob. cit. p.?)

A Literatura Infantil e Juvenil que considera criança e jovem um ser pleno não é aquela que a irreflexão comumente aponta ou produz, como gênero menor. Só o será para os diluidores na classificação de Ezra Pound a quem em nosso livro Introdução à Literatura Infantil e Juvenil (cf. bibliog.) imprestamos o conceito de literatura:

"Grande Literatura é linguagem carregada de significado até o máximo grau possível". (ABC da Literatura).

Acrescentamos:

Literatura Infantil e Juvenil é linguagem carregada de significado até o máximo grau possível, dirigida ou não às crianças, mas que corresponda às suas exigências."

Ora, esta é a Literatura para Todos, pois se fruída pela criança/jovem, qualquer adulto sensível sabe apreciá-la com emoção, prazer, mesmo enquanto jogo lúdico, sensório, porém pura arte, nas suas expressões adequadas ao leitor-bem pe-

queno. Entretanto, a recíproca não é verdadeira, os pequenos (a não ser super-dotados à La Mozart) não podem fruir Umberto Eco, Fernando Pessoa (para adulto) ou Machado de Assis.

A especificidade do gênero Literatura Infantil não significa simplismo, facilidade, puerilidade. Esta enumeração caracteriza precisamente o que não é Literatura Infantil e Juvenil.

Finalizando remetemos a Luiz Camargo (cf. bibliog.) que lembra: "ARTE é uma atividade integradora da personalidade". O livro por ele organizado Arte-Educação é leitura necessária a todos que desejam educar em dimensão de integração com a vida. Reafirmando o quanto é urgente e indispensável a conscientização do Educador em geral e do Professor em particular para esse recuperar no ato de educar, Regina Yolanda coloca em artigo, nesse mesmo livro:

"Nesse estado perene de alegria de inventar, aprender e partilhar com os outros, estaremos trilhando o caminho da educação para uma civilização em mudança."

Só o preconceito e o despreparo, além da insensibilidade produz o Homem-Ser-Passivo porque foi criança discriminada.

Criança Grudada na Tela Pasteurizada/Ligada no Som Enlatado

CRIANÇA OLHÃO-ORELHINHA

E o corpo no todo? o Espírito?

A Criança precisa de Livro-Arte-Literária, Tela-Arte, Música-Arte, Popular ou Erudita, mas sempre Arte.

A Criança-Criança (Jovem/Jovem)
INVENTA, CRIA SEMPRE O NOVO

SENTE/PERCEBE/ASSIMILA/DESCOBRE/

DEVOLVE

COM RAPIDEZ/LIBERDADE/ORIGINALIDADE/VERDADE

É

MOVIMENTO/REPOUSO/ALEGRIA/DOR/CHORO/RISO/

BIBLIOGRAFIA

- 1- CAMARGO, Luis. Arte e Educação da Pré-Escola à Universidade. S. Paulo, Nobel, 1989.
- 2- COELHO, Nelly Novaes. A Literatura Infantil. 4ª ed., S. Paulo, Quíron, 1987.
- 3- . Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira, 1882-1982. S. Paulo, Quíron, 1983.
- 4- COHEN, R. The statements literary texts do not make. New Literary History. 13(3): 379-91.
- 5- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. Leitura sem Palavras. S. Paulo, Ática, 1986.
- 6- GÓES, Lúcia Pimentel. Introdução à Literatura Infantil e Juvenil. S. Paulo, Pioneira, 1984.
- 7- . A Aventura da Literatura para Crianças. -Formas de Avaliação nos livros de Francisco Marins. S. Paulo, Melhoramentos, 1990.
- 8- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. trad. João Paulo Monteiro. S. Paulo, Perspectiva, 1980.
- 9- JAKOBSON, Roman. Question de Poétique. Paris, Seuil, 1973.
- 10- MARTINS, Maria Helena. Crônica de uma Utopia. Leitura e Literatura Infantil em Trânsito. S. Paulo, Brasiliense, 1989.
- 11- PALLO, M. José e OLIVEIRA M. Rosa. Literatura Infantil. S. Paulo, Ática, 1986.
- 12- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina. Dicionário de Teoria da Narrativa. S. Paulo, Ática, 1988.
- 13- YOLANDA, Regina. 1º Grau: 1ª a 4ª Série-Expressão Criadora, Trabalho e Ciência. In Arte-Educação da Pré-Escola à Universidade. S. Paulo, Nobel, 1989.